

Gasolina puxa inflação de Brasília para cima

A cada semana, índices de altas de preços aumentam

Lizael Costa

A inflação em Brasília está em alta, de acordo como o Índice de Preços ao Consumidor Semanal da cidade de Brasília (IPC-S - Brasília), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que registrou variação de 1,14%, na apuração realizada na segunda semana deste mês. O resultado foi 0,21 ponto percentual superior ao divulgado na primeira semana de novembro, que foi de 0,93%.

A aferição da segunda semana de novembro mostra que quatro das sete classes de despesa componentes do índice apresentaram aceleração em suas taxas de variação, entre as quais se destacam os grupos: transportes e habitação, cujas taxas passaram de 3,11% para 4,65%, e de 0,39% para 0,51%, respectivamente.

A pesquisa mostra ainda que as pressões acima da variação média foram exercidas pelos segmentos de transportes, com 4,65%, e alimentação, com 1,61%.

Alta do momento

Na pesquisa, os grupos que se situaram em nível abaixo da variação média foram os do vestuário, com 0,72%, habitação, com 0,51%, saúde e cuidados pessoais, com 0,41%, educação, leitura e recreação, com 0,07%, e despesas diversas, com -0,04%.

Para o economista Jandir Feitosa, da FGV, essa aceleração nos preços dos produtos remete à crise mundial, em que Brasília acaba sendo uma das capitais mais afetadas em função de sua alta renda per capita.

— Em momentos de crise, é natural essa subida de preços, já que temos aqui o maior salário médio do país — analisa.

Para Feitosa, os preços tendem a se estabilizar em função das perspectivas econômicas, que devem frear a economia.

— Os preços podem subir, mas se não existir consumo, eles cairão

>> IPC-S em Brasília

Segunda semana de novembro

Grupos	Variação em %
IPC - geral	1,14
Alimentação	1,61
Habitação	0,51
Vestuário	0,72
saúde e cuidados pessoais	0,41
Educação, leitura e recreação	0,07
Transportes	4,65
Despesas diversas	-0,04

“Os preços podem subir, mas se não existir consumo para alimentar a pressão, eles cairão naturalmente. Portanto, a tendência é haver estabilização em vez dessa alta

Jandir Feitosa
economista da Fundação Getúlio Vargas

naturalmente. Portanto, a tendência é haver uma estabilização dessa alta — garante.

Influências positivas

Entre os produtos que foram influências positivas, isto é, aqueles que colaboraram para a alta do IPC-S, está em primeiro lugar a gasolina, que de uma variação de 5,81% na primeira semana, saltou para 8,8% nesta segunda semana. Outros itens que acompanharam a

alta foram as despesas com empregada doméstica diarista, de 2,78% para 3,34%, e o aluguel residencial, de 0,60% para 0,62%. Vale destacar que o pão francês, apesar de ainda estar caro, deixou uma alta de 6,25% na primeira semana para os atuais 5,36%.

Para que a acomodação nos preços aconteça, o país vai sofrer ainda algumas influências da crise, que determinarão esse estado econômico nos próximos meses, segundo Jandir Feitosa.

— Se a economia desacelerar, não há jeito. As exportações vão cair por conta da redução do ritmo internacional de crescimento e, naturalmente, a demanda também cairá. Isso tende a mudar o quadro atual — destaca.

Para o economista da FGV, por mais que o governo injete recursos nos bancos, o crédito não terá a mesma ação que tinha antes da crise internacional.

— Quem toma crédito passou a ter mais cuidado antes de fazê-lo e as empresas estão adiando investimentos. Isso é a crise e seus efeitos serão sentidos ainda durante muitos meses — afirma Feitosa.